

POLÍTICA OPERÁRIA

Somente com a organização da luta, os trabalhadores podem defender seus empregos, salários e direitos

As direções sindicais querem que a classe operária acredite que o governo Lula irá proteger os empregos, salários e direitos. Essa promessa não pode ser cumprida, porque qualquer candidato que seja eleito governará para a burguesia, e não para os trabalhadores.

A propaganda de que Lula pode servir tanto aos exploradores quanto aos explorados é mentirosa. Isso por que quem manda no Estado e no governo são os banqueiros, os grandes industriais, as multinacionais, os latifundiários e os poderosos comerciantes. A classe operária e os demais trabalhadores do campo e da cidade não têm como controlar o Estado. A presidência da República, o Congresso Nacional e o Judiciário jamais servirão aos pobres, miseráveis e famintos. Quem falar o contrário mentirá para os explorados.

Assim, as direções sindicais que chamam os trabalhadores a confiarem no governo Lula acabam de aceitar o novo salário mínimo de fome e a farsa da isenção do imposto de renda para os assalariados que ganham pouco. Mais ainda. Essas direções concordaram que Lula não deveria se colocar pela revogação da criminoso reforma trabalhista e previdenciária, impostas por Temer e Bolsonaro. Essas duas reformas patronais sacrificam duramente os assalariados. Todo mundo

está vendo que a implantação da terceirização tem servido aos patrões para reduzir postos de trabalho, diminuir os salários e arrancar direitos. Não se pode tirar a responsabilidade de Lula dizendo que essas leis antioperárias foram ditas por Temer e Bolsonaro e aprovadas pelo Congresso Nacional.

Por último, é preciso responsabilizar os governantes pelo fechamento de fábricas e comércio. Tanto o governador Tarcísio quanto o presidente da República não tomam nenhuma medida contra a destruição dos postos de trabalho. Esses governantes estão apenas servindo aos interesses dos capitalistas. O problema está em que as direções sindicais chamam os trabalhadores a confiarem nos governos da burguesia.

O Boletim Nossa Classe defende que a classe operária se organize, lute, defenda suas reivindicações e confie em suas próprias forças. Está colocada a exigência de que os nossos sindicatos convoquem assembleias para defender os empregos, salários e direitos. E que as centrais sindicais convoquem e organizem um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios, para apresentar ao governo um programa de reivindicações próprio da classe operária e dos demais trabalhadores.

Por que votar NULO nas eleições do Sindicato Metalúrgico do ABC?

Nos dias 14 e 15 de março, ocorrerão as eleições para a Comissão de Fábrica na Volks e para os Comitês Sindicais de Empresas em outras fábricas. Há muito tempo não há eleições diretas e democráticas. Um grupo de operários iniciou a construção de uma oposição classista e tentou lançar a chapa "Opção Democrática" na Volks. Mas, os critérios para formar uma chapa são burocráticos e antidemocráticos. Além de quase três dezenas de nomes, é preciso 20% de assinaturas do total de trabalhadores da fábrica. Essa foi a forma para impedir a constituição de uma chapa de oposição.

O importante é que foi um primeiro e importante passo dado no caminho de democratizar e recuperar o sindicato para seu verdadeiro papel de luta. Precisamos de um sindicato

que organize a luta da classe operária, para defender, por meio da assembleia geral, do direito de greve e de organização, as reivindicações de emprego, de salário, de condições de trabalho e de direitos trabalhistas. Precisamos de um sindicato classista que combata a exploração de nossa força de trabalho e lute verdadeiramente pelo fim da exploração capitalista.

Como não foi possível lançar uma chapa de oposição, o Boletim Nossa Classe convoca os trabalhadores a votarem NULO, tanto na eleição para a Comissão de Fábrica, quanto na eleição para a direção do sindicato! O melhor e mais proveitoso seria ter eleições democráticas. Como não serão democráticas, a resposta política é Votar Nulo.

CONSTRUIR AS OPOSIÇÕES SINDICAIS CLASSISTAS

Os trabalhadores devem se conscientizar de que nossos sindicatos não têm servido para a luta devido à política de suas direções. Os sindicatos são uma importante organização criada pela classe operária para se defender da exploração capitalista, da pobreza e da miséria. Mas, para que cumpra essa função, é preciso que tenham uma direção classista. A direção classista é aquela que organiza diariamente a luta pelas reivindicações, que unifica os trabalhadores, que responde com a mobilização coletiva (com greves e manifestações), que garante a democracia sindical, que respeita a so-

berania das assembleias e que mantém a independência dos sindicatos diante do Estado e de toda forma de política burguesa.

O Boletim Nossa Classe chama os trabalhadores a organizarem grupos de oposição no interior das fábricas, sem que os patrões e os burocratas sindicais possam impedir a construção de um movimento de oposição sindical classista. O Boletim Nossa Classe é um instrumento para realizar essa tarefa.

A classe operária tem sua resposta diante do fechamento da Legrand

A multinacional francesa do setor elétrico, Legrand, anunciou no dia 6 de fevereiro o fechamento da fábrica de Diadema e a transferência de seus negócios para Caxias do Sul e Manaus. Depois de explorar durante anos os operários em Diadema, de conseguir ajuda fiscal e subsídios dos governos, a multinacional, visando a aumentar seus lucros, fecha a fábrica e demite 500 trabalhadores.

O fechamento da Legrand - depois do fechamento de todas as unidades da Ford no Brasil, da Toyota em São Bernardo do Campo, da Caia Chery em Jacareí, para dar alguns exemplos - comprova que nenhum governo burguês poderá colocar fim à desindustrialização, que vem acontecendo no país. O governo burguês de Lula, como seus antecessores, é defensor da propriedade privada dos meios de produção e está submetido aos interesses das multinacionais imperialistas, que controlam a economia. A direção sindical dos metalúrgicos do ABC enganou os trabalhadores dizendo que, se o Lula voltasse ao poder, seria possível desenvolver a indus-

trização do país e gerar mais empregos.

A realidade é outra. Mais fábricas vêm fechando e outras decretando falência.

Os burocratas do sindicato repetem a mesma ladainha: lamentam o fechamento na frente dos operários e, por trás, aceitam trocar os empregos por uma indenização. Para isso, convencem os trabalhadores que essa foi a melhor proposta, porque as multinacionais estavam intransigentes. Esse filme é velho! O dinheiro acaba em pouco tempo e o que fica é o desemprego ou se sujeitar à desgraça da terceirização.

O Boletim Nossa Classe vem mostrando que os operários têm sua proposta diante do fechamento de fábricas: 1) exigir que a direção do sindicato rompa com a farsa da negociação sem luta, e convoque uma assembleia democrática para discutir como enfrentar as demissões; 2) levantar as bandeiras “fábrica fechada, é fábrica ocupada! Estatização sem indenização e controle operário da produção”.

O que está por trás da denominada “recuperação judicial”

Tem crescido de forma assustadora o número de fábricas e empresas que estão recorrendo à Lei da Recuperação Judicial, como uma via para se proteger da falência de seus negócios. São os casos recentes das Lojas Americanas, Lojas Marisa, Operadora Oi, Ortopé e outras. Também é o caso da histórica Fábrica de Chocolate Pan, em São Caetano, que estava em recuperação judicial, entrou com o pedido de “autofalência”, depois de já ter feito muitas demissões. No momento em que o juiz decretar a falência, a fábrica será definitivamente fechada.

Como se vê, os capitalistas têm várias leis a seu favor. Mas os trabalhadores, que só tem sua força de trabalho, são os que sofrem as consequências com as demissões e com as dificuldades de receber seus direitos, quando conseguem.

Está mais do que na hora de organizar a luta contra o fechamento de fábricas e comércios, bem como contra as manobras patronais. O dever de uma direção sindical classista é o de convocar as assembleias e unificar os trabalhadores para a defesa dos empregos. As centrais sindicais deveriam se unir para pôr em pé um movimento em defesa dos empregos, salários e direitos. No entanto, não têm interesse em mobilizar a classe operária contra o fechamento de fábricas e comércios, e contra as demissões, porque suas direções estão comprometidas com os interesses dos capitalistas e com a política dos governantes. A burocracia sindical compromete as necessidades e os interesses dos assalariados para levar adiante a sua política de colaboração de classes com os exploradores.

Diante das fábricas fechadas, empresas em recuperação judicial ou que decretaram a autofalência, o Boletim Nossa Classe há muito vem levantando a bandeira: ocupar e exigir do governo que as estatize. A luta pela estatização, sem indenização de seus proprietários, exige que os sindicatos trabalhem pelo controle operário da produção.

Desemprego caiu à custa do aumento do subemprego e rebaixamento salarial

Há uma campanha burguesa de que o desemprego atingiu o mais baixo patamar desde a crise de 2016 (9,3%). O que não se diz é que essa queda se deveu ao aumento da precarização, ao crescimento de empregos sem carteira assinada e à redução dos salários. Os setores que mais contrataram continuam sendo os de serviços. Apesar do avanço da agroindústria e pecuária, houve nesse setor da economia a queda do número de trabalhadores ocupados.

Com o fechamento de fábricas, uma parcela de operários se deslocou para o trabalho terceirizado, geralmente com salário bem inferior, para não ficar desempregado. Outra parcela caiu na informalidade. Basta esse dado: o número de trabalhadores sem carteira assinada aumentou 14,9% em relação ao ano anterior, e a informalidade atingiu 38,8 milhões em 2022.

Mesmo diante dessa situação, que continua trágica para a família trabalhadora, as direções sindicais continuam lamentando e, ao mesmo tempo, aceitando os acordos de demissão.

O Boletim Nossa Classe vem fazendo a campanha em defesa do emprego a todos. O que significa defender a redução da jornada, sem redução dos salários, para que todos tenham emprego com carteira assinada. Vem, também, fazendo uma luta pelo fim da Lei da Terceirização e da reforma trabalhista, que arrancou antigas conquistas da classe operária.

UM ANO DA GUERRA NA UCRÂNIA

O Boletim Nossa Classe tem feito uma campanha internacionalista pelo fim da guerra, que só serve aos interesses das potências. A decisão da ONU sobre a continuidade da guerra foi ditada pelos Estados Unidos e pelos seus aliados europeus. Eis por que foi rejeitada qualquer medida que viesse no sentido de negociação de um acordo de paz. A continuidade da guerra na Ucrânia está se transformando em uma grande conflagração mundial.

O Boletim Nossa Classe chama os operários a fortalecerem a bandeira de fim da guerra, por uma paz sem os ditames do imperialismo norte-americano e aliados, e sem anexação. Somente a classe operária unida e em luta pode acabar com a guerra de dominação.